

A ANGUSTIANTE POSSIBILIDADE EM KIERKEGAARD¹

OLIVEIRA, Giovanna²

RESUMO

O seguinte trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica sobre a relação entre os conceitos de angústia e possibilidade dentro da teoria do Self de Søren Kierkegaard, onde desenvolve parte da sua concepção antropológica de que o homem é uma síntese. O objetivo é compreender como a possibilidade pode angustiar, uma vez que o ser humano precisa da síntese para se efetivar como espírito e a angústia é como uma expressão dessa incompletude. Parte-se da ideia de que o homem vive em um estado de omissão, isto é, na inocência que não possui conhecimento de si mesmo. Neste estado há o Nada, que faz com que a angústia surja. Assim, Kierkegaard recorre a história do pecado de Adão para compreender como perdemos nossa liberdade, ou mais especificamente, como a síntese é desestabilizada. Desse modo, quando Deus diz a Adão que não deveria comer do fruto proibido, Adão se angustia, porque a possibilidade de sua liberdade é despertada. Comer ou não o fruto é uma possibilidade e isso o angustia, restando a Adão a sensação angustiante de perceber que é “um ser-capaz-de” por meio dessa angústia. Por fim, Kierkegaard elogia a angústia, pois aprender a se angustiar é uma lição valiosa e aquele formado pela angústia é também formado pela possibilidade, ganhando, assim, a infinitude.

Palavras-chave: Angústia, possibilidade, síntese, liberdade, nada.

INTRODUÇÃO

O Conceito de Angústia e A Doença para a Morte são obras de Søren Kierkegaard que constituem a sua teoria do Self, que pode ser considerada como centro da sua antropologia. Isso fica evidente no início de *A Doença para a Morte*, em que o dinamarquês expõe que “o homem é uma síntese de infinitude e de finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma, é uma síntese” (Kierkegaard, 2022, p. 43). Em outras palavras, “o ser humano é concebido fundamentalmente como relação, e é a partir dessa ideia que Kierkegaard descreverá os fenômenos da angústia e do desespero” (Roos, 2022, p. 19), além de outros conceitos que também dependem dessa definição.

Dessa forma, em razão do ser humano ser uma síntese, ele sempre pode se tornar algo diferente e “sempre tem a possibilidade de recolocar a síntese de um novo modo” (Roos, 2022, p. 47). Em vista disso, a angústia aparece com grande importância pois, nesses momentos de decisão existencial, tomamos consciência de que podemos ser diferentes, mas nós “nunca sabemos exatamente como nos tornaremos” (Roos, 2022, p. 47). Assim, de uma maneira resumida, o que gera a angústia é essa possibilidade de se tornar diferente do que é. Portanto, o que angustia é a possibilidade cujo sentido é tocar na própria constituição do sujeito e da subjetividade.

Sendo assim, partindo do pressuposto de que “a inocência é a ignorância” (Kierkegaard, 2010, p. 44), em *O Conceito de Angústia*, Kierkegaard afirma que na

¹ Projeto de Iniciação Científica desenvolvido com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² Graduanda em Filosofia; UNIFESP; Guarulhos; São Paulo; giovanna.lagila18@unifesp.br.

inocência, o ser humano é determinado “psiquicamente em unidade imediata com sua naturalidade” (Kierkegaard, 2010, p. 44) e não é determinado como espírito, pois nascemos com “o espírito como que sonhando” (Kierkegaard, 2010, p. 44), isto é, com ele em potência. Dessa forma, precisamos realizá-lo através de escolhas, processo este que nos torna indivíduos, “quando bem realizados” (Roos, 2022, p. 47). Em outras palavras, a ideia principal da afirmação de que o homem é espírito, é que “a síntese tem de ser feita, realizada, não está dada, tem de ser produzida”, o que significa dizer que é como uma performance, “ele se torna homem” (Valls, 2012, p. 51).

Desse modo, nesse estado “há paz e repouso” (Kierkegaard, 2010, p. 45), porém há uma coisa de diferente, que não é discórdia e luta, porque não há algo para se lutar contra. “Mas o que há, então?” (Kierkegaard, 2010, p. 45) Nada, responde Kierkegaard. E este nada faz angústia nascer. Isto é, ao sonhar, o espírito projeta sua realidade efetiva, todavia essa realidade “nada é, mas este nada a inocência vê continuamente fora dela” (Kierkegaard, 2010, p. 45). Em outras palavras, a inocência “é um estado de possibilidades não efetivadas” (Roos, 2019, p. 59). O que significa dizer que, o espírito que está como sonhando, quando projeta sua realidade, projeta uma realidade que é nada e é por essa razão que o indivíduo se angustia, porque ele se relaciona “com o nada de suas possibilidades” (Roos, 2019, p. 59).

O estado de inocência é perturbado pelo espírito não efetivado, pois “aponta para possibilidades desconhecidas” (Roos, 2019, p. 60). Sendo assim, mesmo que a possibilidade não esteja concretizada, “não é possível subtrair-se a ela, já que o espírito está potencialmente presente” (Roos, 2019, p. 60). Portanto, a angústia é “o sentimento ambíguo do espírito diante do próprio nada de suas possibilidades indefinidas” (Roos, 2019, p. 59), isto é, a possibilidade não é uma realidade ainda e é por essa razão que angustia.

Dessa maneira, “o homem é uma síntese do psíquico e do corpóreo” (Kierkegaard, 2010, p. 47). Entretanto, é impossível uma síntese quando dois termos não entram em acordo quanto a um terceiro, isto é, o espírito. Assim, na inocência, o homem não é apenas um animal e “de resto, se fosse qualquer outro momento de sua vida, jamais chegaria a ser homem” (Kierkegaard, 2010, p. 47). Dessa forma, o espírito está presente, porém é como um espírito imediato, “como sonhando” (Kierkegaard, 2010, p. 47). Por outro lado, “o espírito é um poder amistoso” (Kierkegaard, 2010, p. 47), que quer construir a relação. Mas qual é a relação do homem com esse poder ambíguo e como o espírito se relaciona consigo mesmo e com sua condição? “Ele se relaciona como angústia” (Kierkegaard, 2010, p. 47).

Sendo assim, quando Deus diz a Adão em Gênesis, que não comesse do fruto da “árvore da ciência do bem e do mal” (Kierkegaard, 2010, p. 47), Adão não entende essas palavras, porque como poderia entender a diferença entre bem e mal, uma vez que essa diferença só seguiria do ato de comer o fruto? Todavia, quando “se admite que a proibição desperta o desejo, obtém-se ao invés da ignorância um saber” (Kierkegaard, 2010, p. 48), porque Adão “deve ter tido um saber acerca da liberdade, uma vez que o prazer consistia em usá-la” (Kierkegaard, 2010, p. 48). Desse modo, Adão se angustia com a proibição, porque a possibilidade da liberdade é despertada. Isto é, o que a inocência não percebeu, “como o nada da angústia” (Kierkegaard, 2010, p. 48), acabou penetrando em Adão e mais uma vez é um nada, ou seja, “a angustiante possibilidade de *ser-capaz-de*” (Kierkegaard, 2010, p. 48).

Desse modo, “a proibição o leva a uma experiência” (Kierkegaard, 2010, p. 48) e mesmo que Adão não saiba a diferença entre bem e mal, “essa situação o angustia” (Kierkegaard, 2010, p. 48). Em outras palavras, comer o fruto ou não é uma possibilidade para Adão e a possibilidade de contrariar a Deus, o assusta, mas há ainda “um tremor diante a possibilidade de conhecer algo totalmente novo” (Façanha e Sousa, 2018, p. 3). Assim, ele não tem ideia do que seria capaz, porque só se pressupõe geralmente o que

vem depois, a diferença entre bem e mal. Logo, o que existe é somente a “possibilidade de *ser-capaz-de*” (Kierkegaard, 2010, p. 48), enquanto “forma superior da ignorância” e “expressão superior da angústia”, pois essa capacidade, “é e não é”, em um sentido superior, pois nesse sentido, “ela ama e foge dela” (Kierkegaard, 2010, p. 48).

Dito isso, quando Deus diz suas palavras de sentença “certamente tu morrerás” (Kierkegaard, 2010, p. 48), Adão não entende, pois não compreende o que significa morrer, porém nada o impede de ter entendido, ainda assim, algo horrível. Assim, se se admite que “o desejo desperta a proibição” (Façanha e Sousa, 2018, p. 4), também é possível admitir que “a ameaça do castigo desperta uma representação assustadora” (Façanha e Sousa, 2018, p. 4). Entretanto, o horror nesse caso é convertido em angústia, porque Adão não entendeu o enunciado e possui, mais uma vez, “apenas a ambiguidade da angústia” (Façanha e Sousa, 2018, p. 4). Sendo assim, através da angústia, Adão é informado que é um *ser-capaz-de*, “no sentido de realizar possibilidades” (Façanha e Sousa, 2018, p. 4). Isto é, a proibição despertou essa infinita possibilidade de *ser-capaz-de*, mas que agora se aproxima mais pois, “esta possibilidade manifesta uma outra possibilidade como sua consequência” (Kierkegaard, 2010, p. 48). Desse modo, “a inocência foi levada ao seu extremo” e está na angústia, “em relação com o proibido e com o castigo” (Kierkegaard, 2010, p. 49). E apesar de existir uma angústia, “como se ela já estivesse perdida” (Kierkegaard, 2010, p. 49), ela não é culpada.

Desse modo, o objeto da angústia é o nada, no estágio antes da queda e, depois que Deus proíbe Adão, o objeto passa a ser justamente essa proibição, o que não é algo compreendido. Assim, esse nada a que a angústia se dirigia, encara as palavras de proibição que são incompreensíveis e nesse momento, a angústia se manifesta mais uma vez “enquanto uma angustiante possibilidade indefinida” (Roos, 2019, p. 63). Dessa forma, o que importa e deve se perceber aqui “é a relação entre as palavras enigmáticas da proibição e a referência subjetiva da inocência que se angustia diante da possibilidade” (Roos, 2019, p. 63). Em termos mais claros, algo é despertado na inocência porque a proibição de Deus “se relaciona às possibilidades subjetivas de Adão” (Roos, 2019, p. 63). Todavia, a atenção que deve se dar a esse “despertar” deve ser colocada “no despertar a possibilidade de atualizar as próprias possibilidades” (Roos, 2019, p. 63). Sendo assim, ao acontecer esse despertar, a inocência que está entre a “proibição e a possibilidade desconhecida” (Roos, 2019, p. 64) tem a sua paz perturbada pela angústia.

Em suma, podemos nos angustiar porque somos uma síntese mas “quanto mais profundamente se angustia, tanto maior é o ser humano” (Kierkegaard, 2010, p. 161), em um sentido no qual o próprio ser humano produz a angústia, não em um sentido exterior. Desse modo, devemos aprender a nos angustiar pois “a angústia é a possibilidade da liberdade” e apenas essa angústia é formadora pela fé, visto que consome “todas as coisas finitas” e “descobre todas as suas ilusões” (Kierkegaard, 2010, p. 162).

Logo, “aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com a sua infinitude” (Kierkegaard, 2010, p. 162). Assim, quando uma pessoa “concluiu a escola da possibilidade” (Kierkegaard, 2010, p. 162) e entendeu que “não se pode exigir absolutamente nada da vida” (Kierkegaard, 2010, p. 163) e coisas como o horrível, o aniquilamento e a perdição “moram na porta do lado de qualquer homem” (Kierkegaard, 2010, p. 163) este, com proveito, aprendeu que toda a angústia que o angustia, “no momento seguinte avançou sobre ele” e disso ele terá uma nova explicação da realidade, a louvará e mesmo quando estiver “pairando pesadamente sobre ele” (Kierkegaard, 2010, p. 163), se lembrará que essa é muito mais leve do que era a possibilidade.

OBJETIVOS

A pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre os conceitos de angústia e possibilidade dentro da teoria das sínteses de Kierkegaard, desenvolvida em suas obras *O Conceito de Angústia*, *A Doença Para a Morte* e *Migalhas Filosóficas*.

METODOLOGIA

Os métodos consistem em leituras de análise e fichamentos da bibliografia, que buscam o detalhamento da relação entre os conceitos de angústia e possibilidade na perspectiva kierkegaardiana. Com o objetivo de refletir sobre a relação criada nas obras, juntamente com trabalhos publicados por aqueles que se propuseram a discutir e comentar o filósofo, como Theodor Adorno, Jonas Roos e Alvaro Valls.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A investigação de Kierkegaard sobre o conceito de angústia é de extrema importância quando se discute a existência humana. Existir é se angustiar, mas, para além disso, é uma experiência transformadora, parte de todos os seres humanos, capaz de ensinar e salvar. Assim, a angústia se constitui pelo desconhecimento da possibilidade, ou seja, “de termos de nos relacionar com algo sem forma, algo como um medo sem objeto, e de termos de decidir a existência precisamente no horizonte dessa relação” (Roos, 2022, p. 20). Trata-se de uma experiência que nos faz sentir “ao mesmo tempo atraídos e repelidos pelo abismo de nossa possibilidade” (Roos, 2022, p. 20) e quando surge, nos aproxima de uma decisão que só pode ser uma possibilidade.

Por essa razão, é fundamental que haja uma análise da relação entre os conceitos de angústia e possibilidade em Kierkegaard, desenvolvida de maneira gradual em *O Conceito de Angústia*, mas também em outras obras que compõem a sua teoria do Self e das sínteses, como *A Doença Para a Morte*. Essa discussão merece ser investigada, porque é tão atual e presente, filosoficamente falando, quanto na época em que Kierkegaard, nos seus pseudônimos, escreveu suas obras que, em conjunto, nos permitem uma perspectiva completa de como a possibilidade pode nos angustiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

É possível afirmar que, até o momento, a análise aponta que, segundo a antropologia kierkegaardiana, o desafio da angústia consiste em aprender a lidar com ela e a se decidir “diante da indefinição de uma possibilidade, mas sem desarticular a síntese” (Roos, 2022, p. 55).

REFERÊNCIAS

FAÇANHA, L; SOUSA, L. Angústia e desespero como possibilidade de construção da existência humana a partir da filosofia de Søren Kierkegaard. **CONJECTURA: filosofia e educação**, Caxias do Sul, v. 23, n. 2, p. 307-324, 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-46122018000200307. Acesso em: 05 ago. 2025.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **A Doença para a Morte**. Petrópolis: Vozes, 2022.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O Conceito de Angústia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

ROOS, Jonas. Angústia e pecado hereditário: os fundamentos da antropologia de Kierkegaard. In: **Tornar-se Cristão**. São Paulo: LiberArs, 2019, p.33-76.

ROOS, Jonas. Angústia. In: **10 Lições sobre Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2022, p.46-55.

ROOS, Jonas. Introdução. In: Kierkegaard, Søren Aabye. **A Doença para a Morte**. Tradução de Jonas Roos. Petrópolis: Vozes, 2022, p.5-23.

VALLS, Alvaro. **Kierkegaard, Cá entre nós**. São Paulo: LiberArs, 2012.